ALTOS

António Mendonça Mendes
Secretário de Estado dos Assuntos Fiscais

A suspensão do pagamento de IVA nas prestações dos créditos bancários em moratória é uma medida lógica que só não se percebe porque não chegou mais cedo. Mesmo em tempo de pandemia, onde as decisões se acumulam a uma velocidade vertiginosa, convém manter alguma coerência das políticas. É o caso. E é da mais elementar justiça.

José Manuel Fernandes e José Gusmão
Eurodeputados

Os dois deputados portugueses, um do PSD e o outro do Bloco de Esquerda, foram escolhidos para integrar o grupo de trabalho do Parlamento Europeu que vai acompanhar a utilização do dinheiro do Programa de Recuperação e Resiliência. Margarida Marques, do PS, também faz parte do grupo, como suplente.

E BAIXOS

Alfredo Casimiro
Presidente executivo da Groundforce

O Banco de Fomento e a Caixa Geral de Depósitos recusaram um empréstimo de €30 milhões à Groundforce por duvidarem da saúde financeira da Pasogal, a firma de Alfredo Casimiro que detém 50,1% da empresa de *handling*. E o Montepio executou penhor das ações por conta de um crédito de €3 milhões. Más notícias da Groundforce que continua sem solução à vista.

Joe Berardo
Empresário

O Novo Banco interpôs uma nova ação de execução contra duas empresas do universo empresarial de Joe Berardo. Em causa está uma dívida no valor de €3,5 milhões. Este é apenas mais um passo numa longa batalha entre bancos e Berardo que começou há quase dois anos e que visa um montante total de dívidas de cerca de €1000 milhões. Que o empresário deixou por pagar, razão pela qual tem sido perseguido por ações em tribunal.

João Silvestre
jsilvestre@expresso.impresa.pt

Groundforce Montepio já controla ações de Casimiro

Banco executou penhor dos títulos e tem agora a sua disponibilidade. Mas não se tornou acionista. Alfredo Casimiro pode negociar a venda

O Montepio já executou o penhor das ações da Pasogal na Groundforce e, apurou o Expresso, tem recebido manifestações de interesse pela participação de Alfredo Casimiro. Não obstante, o banco não se tornou dono da Groundforce, tem apenas a disponibilidade das ações e poderá, nesse âmbito, negociar a venda dos títulos. Nada impede porém que Alfredo Casimiro, o acionista maioritário (50,1%), faça o mesmo. O empresário está, aliás, a negociar a venda da sua participação com o fundo de capital de risco espanhol, Atitlan, uma empresa com investimento no imobiliário e agroalimentar em Portugal. O Montepio não é, nem quer ser, acionista da Groundforce. O seu objetivo é vender as ações a um preço adequado que lhe permita cobrir a dívida da Pasogal, que ultrapassará os €3 milhões. Na verdade, se o encaixe for superior à dívida, o excesso reverterá a favor de Casimiro.

Para o Governo a prioridade é encontrar uma solução estrutural. O secretário de Estado-adjunto e das Comunicações, Hugo Mendes, afirmou esta semana, em entrevista à RTP, que o Governo vai manter-se equidistante das negociações e que a única coisa que pretende é que o futuro acionista tenha músculo financeiro e capacidade para assegurar a viabilidade da Groundforce até à retoma do sector. O salário dos trabalhadores em abril estava garantido, avançou o governante, sublinhando que não estava em condições de assegurar que o de maio também estaria. A pressão é grande. A Caixa Geral de Depósitos, entretanto, já comunicou ao Governo que não estão reunidas as condições para avançar com o empréstimo garantido de €30 milhões à Groundforce, pedido no verão de 2020. A frágil situação da Pasogal de Alfredo Casimiro foi um dos motivos que levaram o banco público a travar a fundo.

Anabela Campos
acampos@expresso.impresa.pt

Automóvel Vendas caem em Portugal no 1º trimestre em contraciclo com a UE

O comércio automóvel está a crescer 3,2% em média na União Europeia, mas em Portugal a quebra foi da ordem dos 31%

Se há sectores em que a pandemia teve um impacto demolidor foi o do comércio automóvel, que no primeiro confinamento chegou a registar quebras mensais homólogas superiores a 90%. Ao longo de todo o ano passado o cenário foi devastador, com muitas pequenas empresas a fecharem definitivamente as portas. Os dados fornecidos ao Expresso pela Associação Automóvel de Portugal (ACAP) revelam ainda que, em março deste ano, foram matriculados pelos representantes oficiais de marca a operar em Portugal 16.099 automóveis, ou seja, mais 29,8% do que em igual mês do ano anterior.

No entanto, este resultado positivo e tal como seria de esperar, "é enganador, tendo em conta o efeito de base, uma vez que o mercado do mês homólogo de 2020 foi anormalmente baixo, refletindo o impacto da primeira vaga da pandemia", sublinha Hélder Pedro, presidente daquela associação. Assim, se efetuarmos a comparação com o mês de março de 2019 concluímos que o mercado cai, efetivamente, 43,6%.

Como o mercado correu mal em todos os países, muitos já adotaram políticas "agressivas" de fomento do sector. Espanha, por exemplo, nota Hélder Pedro, dá um subsídio de €7000 na compra de um carro elétrico mediante o abate do carro a combustão. "Em Portugal o apoio é de €3000 até esgotar os €4 milhões que o Governo destinou a este fim. Em Espanha há €400 milhões para distribuir." A Roménia vai mais longe e dá um apoio de €12 mil na compra de um novo carro elétrico.

O presidente da ACAP lembra que, em Portugal, o *diesel* continua a perder terreno e tem agora uma quota de 26,3% das vendas, contra 43% da gasolina. Nos elétricos e híbridos continua tudo na mesma, "com muito pouca expressão".

Vítor Andrade
vandrade@expresso.impresa.pt

Tecnologia Sines recebe investimento até €3,5 mil milhões em megacentro de dados

Investimento de potencial interesse nacional vai criar 1200 postos de trabalho qualificados e pode colocar Portugal no centro da rede de dados europeia

Sines 4.0 inclui cinco edifícios cuja construção deverá arrancar no início de 2022 IMAGEM D.R.

A Start Campus, empresa detida pelos norte-americanos Davidson Kempner (DK) e pelos britânicos Pioneer Point Partners (PPP), vai investir até €3,5 mil milhões na criação de um megacentro de processamento de dados sustentável em Sines, avança ao Expresso Sam Abboud, sócio fundador da PPP. O Sines 4.0 — um *hyperscaler data centre*, ou seja, um centro de processamento de grande dimensão destinado a gerir as necessidades cada vez maiores de processamento de dados de empresas de grande dimensão e crescimento — vai ter capacidade até 450 megawatts (MW), o que o tornará um dos maiores centros de dados da Europa. O fundo DK foi um dos que compraram crédito malparado ao Novo Banco, tendo em 2019 comprado a carteira "Nata 2" com um desconto de cerca de 90%.

O anúncio deste investimento — assessorado pela sociedade de advogados PLMJ e um projeto que recebeu a classificação de Potencial Interesse Nacional (PIN) —, será feito hoje às 11h no local, num evento que contará com a presença do primeiro-ministro, António Costa, e do ministro da Economia, Pedro Siza Vieira.

O objetivo deste megacentro de dados é dar resposta à procura de grandes empresas internacionais de tecnologia de *streaming*, processamento e armazenagem de dados, empresas de redes sociais e aplicações. "Os clientes-alvo são as empresas de grande crescimento mundiais, como a Amazon, o Facebook, a Google ou a Microsoft, que representam mais de metade do tráfego mundial de dados", diz ao Expresso o sócio fundador da PPP.

Estima-se que o projeto crie até 1200 empregos altamente qualificados nas áreas de redes e tecnologias de informação, além de 2700 empregos associados à construção dos edifícios. Os investidores acreditam ainda que este vai contribuir para relançar Portugal como um polo central de dados e conectividade transatlântica entre o continente europeu, americano e africano, tirando partido da sua posição estratégia no extremo da Europa e dos cabos submarinos que por aí passam: Ellalink (que une Portugal à América do Sul), Equiano (que liga Portugal à África do Sul) e 2Africa (que liga, através de Portugal, Europa, África e Médio Oriente).

"Trata-se de um projeto que pode vir a colocar Portugal no centro da rede de dados europeia e que em muito contribuirá para a estratégia de transição energética do país, já que os *data centres* são essenciais no tráfego de dados de internet globais e de apoio à economia digital. Haverá ainda efeito de arrastamento nas empresas de serviços locais para apoio aos colaboradores do *data centre*, tais como comércio, transportes, hotéis e restaurantes e imobiliário", adianta ao Expresso fonte oficial do Ministério da Economia, referindo ainda os contributos intangíveis de melhoria do ecossistema digital, educação, *clustering* e exportações.

Sines 4.0 pode colocar Portugal no centro da rede de dados europeia, acredita o Ministério da Economia

Sustentabilidade no centro

O Sines 4.0 vai integrar cinco edifícios modernos com capacidade útil de fornecimento de 450 MW de energia aos servidores, cuja construção deverá arrancar no início de 2022. O objetivo é que esteja finalizado em três a cinco anos, estando a inauguração do primeiro edifício prevista para 2023.

"Ficámos muito interessados na energia renovável disponível em Portugal, e em especial em Sines, porque nos permite fornecer energia 100% sustentável desde o primeiro dia, a um preço muito baixo", adianta, referindo a boa conectividade com a rede elétrica nacional com fácil acesso a energia solar, eólica e projetos futuros de hidrogénio (que pode atuar como energia de *backup* do centro de dados). "Talvez possamos vir ainda a adicionar biogás, porque nós e a DK somos os maiores detentores de biogás da Europa", adianta.

Também o arrefecimento com acesso a soluções de refrigeração de água (recorrendo a água do oceano para manter os servidores a temperaturas ideais e, potencialmente, reutilizar o calor residual para clientes industriais vizinhos) é outra das vantagens de Sines, refere.

A sustentabilidade não é um pormenor neste projeto. "Os nossos clientes-alvo querem ser 100% sustentáveis em 2030", indica Abboud. "Antigamente, faríamos o centro de dados em Dublin, mas hoje os clientes querem as energias renováveis intrinsecamente ligadas ao centro de dados."

Além disso, a escalabilidade do projeto (terrenos disponíveis e potencial de expansão para mais de 450 MW), a conectividade através de cabos submarinos intercontinentais atualmente em construção (e boa conectividade com o interior do continente europeu) e a topografia marinha única da plataforma continental de Sines (tornando-a um local ideal para amarração de novos cabos submarinos com segurança e a baixo custo) são outras das vantagens apontadas.

Maria João Bourbon
mjbourbon@expresso.impresa.pt

NÚMEROS

1200
postos de trabalho tecnológicos altamente qualificados serão criados em Portugal com este megacentro de dados sustentável em Sines

450
megawatts é a capacidade útil de fornecimento de energia aos servidores do megacentro de dados que vai ser construído em Sines